

**ALAIN
SAINT-SAËNS**

**A BAHIA
DE TODAS AS GAIVOTAS**

POEMAS

PREFACIO

POR

ALEILTON FONSECA

2021

Copyright 2021 by Alain Saint-Saëns.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise, without the prior written permission of the Publisher.

Published in the USA by The University Press of the South.

Printed in France by Monbeaulivre.fr.

E-mails: unprsouth@aol.com; universitypresssouth@gmail.com

Visit our award-winning web pages:

www.unprsouth.com

www.punouveaumonde.com

Alain Saint-Saëns.

A Bahia de todas as gaiivotas.

First Edition in Portuguese. Poetry Studies, 56

Preface by Aleilton Fonseca.

86 pages. 23 photos.

1. Literature. 2. Poetry. 3. Brazil. 4. Bahia. 5. Salvador da Bahia. 6. Travels. 7. Castro Alves. 8. Myriam Fraga. 9. Aleilton Fonseca. 10. Alain Saint-Saëns.

ISBN: 978-9-403638-39-3

(European Edition: 2021)

A Aleilton Fonseca,
poeta e contista,
o meu amigo.



ALEILTON FONSECA E ALAIN SAINT-SAËNS

CANTOS DE LOUVOR

À BAHIA

Este livro é um precioso inventário lírico de uma viagem de paixão e descoberta. O poeta Alain Saint-Saëns visitou a cidade de Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil, e se encantou com suas cores, histórias, poetas, personagens, mitos e mistérios.

A cidade foi fundada pelo militar e político português Tomé de Sousa, em 29 de março de 1549, por ordem do rei D. João III, soberano de Portugal. Foi concebida e planejada para ser a capital da colônia brasileira por 214 anos, entre 1549 e 1763. E seu fundador implantou e exerceu o Governo Geral do Brasil Colônia até 1553. O local foi escolhido porque a Baía de Todos-os-Santos representava uma área estratégica para os navegadores portugueses, sendo já o porto onde embarcava boa parte do pau-brasil extraído na região e o açúcar produzido no Recôncavo Baiano e na Zona da Mata do Nordeste. Do porto de Salvador partiam também os navios que

seguiam para o Oriente levando os produtos da Colônia brasileira.

Alain Saint-Saëns também chegou a Salvador singrando as terras e as águas do oceano, mas pelo ar. Desde logo lançou seu olhar sobre a Baía de Todos-os-Santos, os casarios e as colinas, as ruas e avenidas, por onde tocaria os pés nas linhas dos mapas e nos veios da história, traços reunidos em quase cinco séculos de vida e experiência. Como poeta viajante e atento às projeções do olhar e do sentir, sua percepção lírica tocou a cidade, as paisagens, os lugares, as pessoas, os significados. Essa poesia do encontro mútuo se consumou em 16 poemas que marcam as suas leituras, as andanças, os registros, as imagens e as memórias. Como Italo Calvino e Ferreira Gullar, ele também relata a cidades invisível ou inventada, mas não como feixes de relações prosaicas, e sim como cintilações que se insinuam e se revelam ao poeta, com as prodigiosas e criativas epifanias do olhar.

Desde a modernidade intuída e impulsionada por Charles Baudelaire (1821-1867) em meados do século 19, a poesia rompeu o casulo de sua

interioridade, abandonou o refúgio da alma, do coração e da casa e atirou-se à vida comum das ruas e avenidas. Sua musa passa ser a cidade e suas paisagens insólitas e dinâmicas, em constante transformação. Consciente de seu novo papel, o poeta passou a deambular pelos logradouros públicos para se imiscuir na multidão, ascultar os movimentos do cotidiano, e até viajar aos lugares distantes, entoando o canto das vivências presentes e das experiências renovadoras. Assim se torna um ser em constante viagem, desde sua pátria até as terras estrangeiras, levando seus saberes e conhecendo outras culturas e idiomas, em busca de uma poesia culturalmente múltipla e dialógica.

Baudelaire convocou o poeta para captar a poesia oriunda das sugestões das ruas, mas também o lirismo das paisagens distantes, exóticas e deslumbrantes. Eis o chamado: ‘poetas, viajai!’ É isso que o poeta francês propõe, visceralmente, no seu magnífico poema ‘L’invitation au voyage’, no qual destaca a necessidade e o prazer de conhecer outros lugares. De fato, os poetas adotaram a viagem como fator de motivação lírica. Blaise Cendrars

percorreu os caminhos de ferro europeus, a bordo do trem transiberiano e registrou num longo poema a sua viagem em estado de vertigem. Guillaume Apollinaire atravessou as ruas de Paris, e inscreveu os seus detalhes no célebre poema ‘Zone’. Fernando Pessoa escreveu o poema ‘Lisbon Revisited’ sob a perspectiva de quem retorna à pátria com o olhar transformado pela experiência da viagem. O poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto traduziu no canto ‘Sevilha andando’ os registros que mapeiam seu modo de vivenciar e perceber os movimentos e as formas da cidade espanhola com um olhar ao mesmo tempo estrangeiro e familiar.

Na linha dessa tradição da viagem, Alain Saint-Saëns chegou a Salvador com o olhar atento à história, à geografia, aos personagens do passado e do presente, captando bem a atmosfera da cidade litorânea, cercada por réstias de matas, coqueiros, dunas e areais, envolvida pelo manto azul do Oceano Atlântico. Alain Saint-Saëns seguiu os passos de outros poetas estrangeiros que fixaram na poesia um modo especial de estabelecer intimidade com a cidade soteropolitana. Antes dele, o poeta

martinicano Aimé Césaire (1913-2008) também visitou a cidade e escreveu o belo poema ‘La Baie de Tous les Saints’, no qual proclama sua admiração e seu encanto diante da paisagem marítima de Salvador.

Alain Saint-Saëns entra em sintonia com Salvador através do poema ‘A Bahia de todas as gaivotas’, no qual remonta às suas origens, destacando personagens marcantes, como Diogo Álvares Correia, o Caramuru, náufrago que logrou nadar até a terra, sendo resgatado e acolhido pelos índios. Ao casar-se com a índia Catarina Paraguaçu, ganhou prestígio e privilégios na terra, sendo o fundador do aldeamento que serviu de base para a localização da cidade colonial. O mesmo poema, no entanto, não se limita aos vultos históricos de outrora, pois logo nomeia poetas atuais, em cujos poemas a cidade se inscreve e se reinventa como texto literário. Seguem-se as homenagens aos poetas, como o grande Castro Alves (1847-1871), romântico e abolicionista que combateu a escravidão com sua poesia inspirada e vigorosa. O poeta dos escravos deixou páginas memoráveis na poesia